

ESCOLA CASULO: UMA ANÁLISE SOBRE ARQUÉTIPOS DE GÊNERO E O SILENCIAMENTO DE CORPOS LGBTQIA+

Israel da Silva Guimarães

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: guimaraesisrael09@gmail.com

Gabriela Andrade Fernandes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: gabriela.conquista@gmail.com

1284

INTRODUÇÃO

Desde as mais remotas temporalidades históricas, as sociedades ocidentais desempenham suas atividades incumbindo papéis aos indivíduos-membros, de forma a delimitar uma divisão pautada em fatores biopsicológicos de masculinidade e feminilidade. Assim, todos desde cedo são apresentados a comportamentos e símbolos, reproduzindo, (in)voluntariamente, padrões de um sistema sexista, heteronormativo e transfóbico.

Como sequela, esses arquétipos de gênero são disseminados nas mais diversas esferas sociais, inclusive na comunidade escolar. Dado esse fato, faz-se mister compreender que as instituições de ensino figuram como um dos mais importantes espaços de socialização na infância, precedendo, na maioria das vezes, somente aos núcleos familiares. Nesse sentido, para Franco e Cicillini (2016, p.123), a escola desde sua criação assumiu o papel social de disciplinamento e ajustamento dos corpos de acordo com as normas vigentes de cada sociedade.

Por vezes, a discriminação contra crianças e adolescentes LGBTQIA+ é naturalizada por gestores e docentes da educação básica, o que insere esses indivíduos em uma condição de vulnerabilidade que dentre problemas psicológicos e sentimentos de exclusão, ocasionam também o abandono escolar. Segundo pesquisa publicada, no ano de 2016, pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), sobre o ambiente educacional da população LGBTQIA+, cerca de 73% das pessoas entrevistadas relataram ter sido alvo de xingamentos em razão de sua orientação sexual. Além disso, grande parte foi agredida dentro da escola por consequência da identidade ou expressão de gênero, 68% verbalmente, 25% fisicamente.

Realização:



Apoio:





A temática justifica-se na necessidade de reflexões sobre os espaços de ensino-aprendizagem e os mecanismos de opressão neles presentes, que silenciam corpos LGBTQIA+ e suprimem direitos. Assim, pretendeu-se, neste estudo, além de evidenciar os estereótipos de gênero como decorrentes de um modelo heteronormativo e conservador, fortemente presente no âmbito escolar; expor a necessidade de que as instituições de ensino, enquanto instrumento de transformação, possam contribuir para o enfrentamento das discriminações, a promoção de igualdade, o respeito à diversidade sexual e de gênero, o reconhecimento dos direitos LGBTQIA+ e a consolidação dos direitos humanos em sua integralidade.

1285

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo consiste em pesquisa bibliográfica pautada nos Estudos de Gênero, que questionam a naturalização da dualidade feminino/masculino enquanto estruturante de uma essência fixa do ser, bem como da análise documental, de natureza qualitativa, de pesquisas estatísticas realizadas por entidades de relevo pertinentes ao tema. Os dados estatísticos apurados nessas pesquisas ratificam as discussões teóricas abordadas no presente trabalho e apontam para a pertinência de suscitar, nos espaços de ensino-aprendizagem, debates e pesquisas mais aprofundadas acerca do silenciamento de corpos LGBTQIA+.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ainda hoje, as tentativas conceituais de gênero decaem em certa ambiguidade e inconcretude, contudo, a maioria das definições circundam na asserção de que a figura homem e mulher — suas atitudes e comportamentos — decorrem de uma realidade social advinda de valores do grupo a que se integra, e não da anatomia dos seus corpos. Segundo Scott (1995), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais, que se baseia nas diferenças percebidas entre os sexos, afigurando-se como um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Por estereótipo de gênero, entende-se a soma de características consideradas societariamente apropriadas e da natureza de cada grupo sexual, conjunto de crenças e

Realização:



Apoio:





atributos inculcados nos indivíduos como uma parte de seu sistema geral de valores. Em tese, trata-se da atribuição e delimitação de papéis, comportamentos e funções sociais, que se baseiam pela assertiva generalizada de binaridade dos gêneros, e manifestamente caracteriza-se como um dos mecanismos das relações de poder e dominação simbólica.

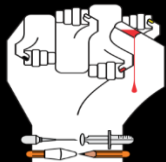
Essa imposição de padrões é reforçada e disseminada, primeiro, no contexto familiar, em que originariamente se estabelecem as primeiras relações interpessoais e com o mundo externo, seguido pela escola, em que, conforme leciona o sociólogo Émile Durkheim (2011), são utilizadas como ferramenta formal de socialização de jovens nas sociedades complexas ou modernas¹.

A escola, enquanto difusora de mecânicas de poder, ratifica os modelos sociais de exclusão, por meio de ações segregacionistas, exercendo uma espécie de docilização corpórea. Porquanto, quando as escolas inserem o indivíduo não dotado de ‘condutas adequadas’ a um regime de disciplinarização, passa-se a legitimar práticas sociais consideradas normais pela sociedade, excluindo aqueles dos quais possuem ‘jeitos’, ‘trejeitos’ e hábitos divergentes dos parâmetros heteronormativos.

Inegavelmente, durante esse período de convivência escolar, a grande maioria das pessoas LGBTQIA+, expostas às diversas formas de discriminação e preconceito, são afetadas por essas situações em sua vida pessoal, nas relações interpessoais e nas próprias demandas acadêmicas. Tratam-se, conforme Martin (1982) e Caetano (2005) apud Junqueira (2009), de interferências negativas no bem-estar do sujeito criança-adolescente e no seu rendimento escolar; capaz de produzir intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento.

Segundo pesquisa publicada, em 2016, pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), sobre o ambiente educacional da população LGBTQIA+, constatou-se que cerca de 27% dos entrevistados afirmaram ter sofrido agressão na escola e 73% foram alvos de xingamento em razão de sua orientação sexual. Em relação à identidade ou expressão de gênero, apurou-se que 25% foram agredidos fisicamente dentro da escola e 68%, verbalmente (ABGLT, 2016).

¹ Durkheim (1922) distingue as sociedades a partir de sua compreensão acerca da solidariedade enquanto consciência coletiva. Assim, apresenta dois tipos de solidariedade: a mecânica e a orgânica. Na primeira há pouca distinção social entre os indivíduos havendo uma identidade entre a consciência individual e coletiva a exemplo das sociedades primitivas; já a orgânica resulta de uma complexa divisão social do trabalho que favorece o predomínio da consciência individual sobre a coletiva, como ocorre na sociedade capitalista.



De acordo com os dados coletados na mesma pesquisa, os estudantes entrevistados afirmaram se sentir inseguros/as na instituição educacional, em 60,2%, por causa de sua orientação sexual, em 42,8%, por conta da maneira como expressavam o seu gênero. Dentre eles, 24,3% dos/das estudantes relataram que já ouviram ‘frequentemente’ ou ‘quase sempre’ comentários negativos sobre as suas expressões de gênero feitos por professores/as e outros/as funcionários/as da instituição educacional (ABGLT, 2016).

CONCLUSÕES

Como visto, a repressão a corpos que fogem da heteronormatividade se faz latentemente presente dentro das instituições de ensino, provocando o silenciamento de subjetividades e de expressões de gênero. É a educação, figurada pelas escolas, engrenando sua mecânica a favor de uma sociedade que define padrões e estereótipa comportamentos, estabelece o aceitável e o inaceitável, o que pode ser externalizado e aquilo que deve ser enclausurado em si mesmo.

Ao analisar os dados estatísticos e os relatos colhidos com pesquisas documentais, vê-se frente a uma problemática que certamente ocasiona evasão escolar, ameaça a prerrogativa individual de desenvolver livremente sua personalidade e identidade, bem como, a previsão constitucional de acesso à educação e, sobretudo, à dignidade da pessoa humana. Para além disso, constata-se a emergência de maiores estudos sobre a inserção e permanência de crianças e adolescentes não héteros e/ou cis nas instituições de ensino, bem como a implementação de projetos e ações político-pedagógicas acerca de temas correlatos a sexualidade e gênero para formação e conscientização dos profissionais da educação básica e da comunidade escolar como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Estereótipos de gênero. Silenciamento de corpos.

REFERÊNCIAS

ABGLT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015:** às experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em 14 de mar. 2022.



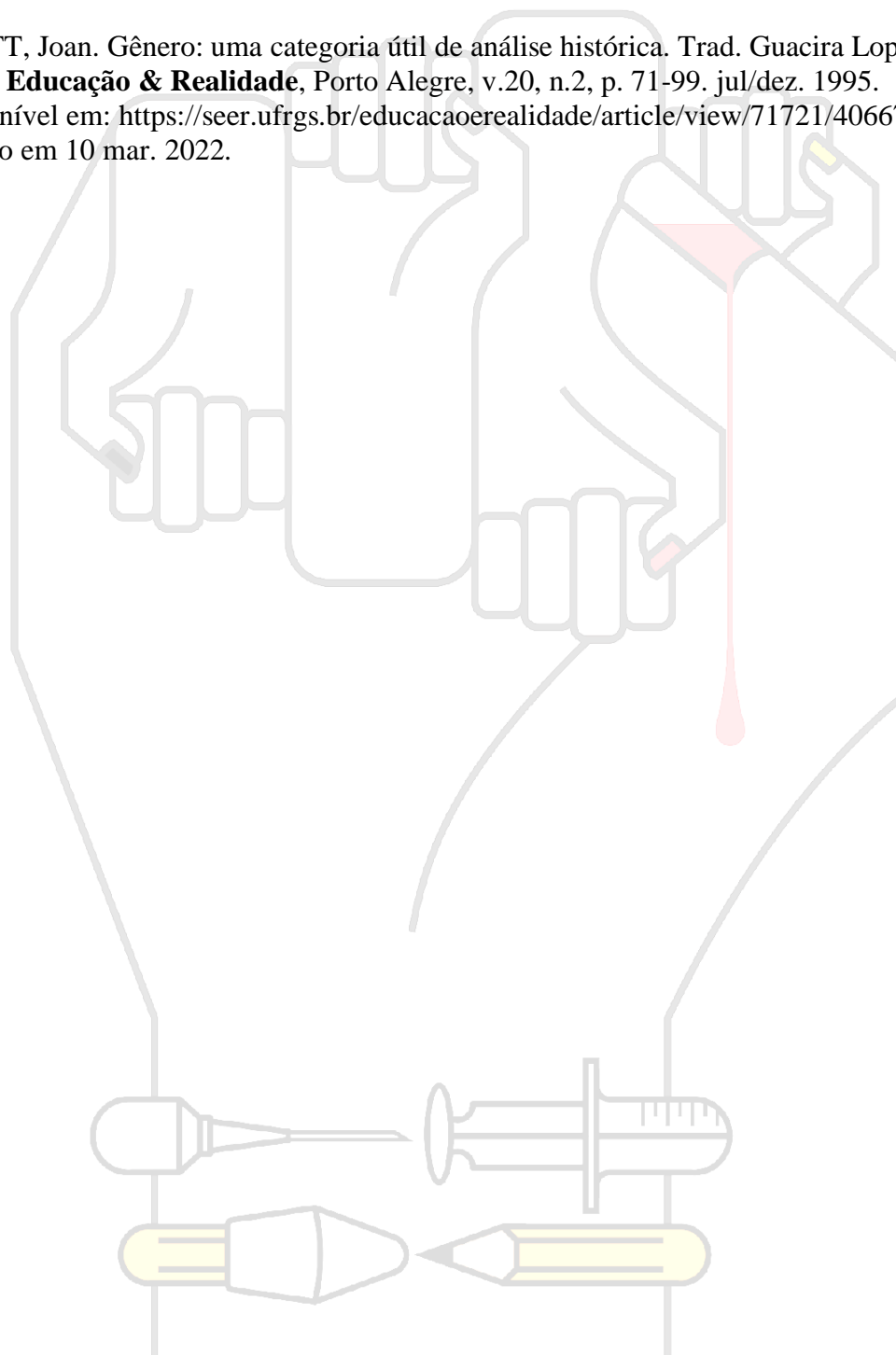
DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRANCO, NEIL; CICILLINE, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado de arte. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, mai./ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v23n2p122-137>. Acesso em 15 mar. 2022.

JUNQUEIRA, Rodrigo Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. Guacira Lopes Lobo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99. jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 10 mar. 2022.

1288



Realização:



Apoio:

